

IMPERTINENTES CORPOS PRETOS NA "CIDADE OLÍMPICA". *Impertinent black bodies in the "Olympic City"*

José Rodrigues de Alvarenga Filho

Universidade Federal de São João del-Rei

joserodrigues@ufsj.edu.br

RESUMO

O Rio de Janeiro dos "megaeventos esportivos" foi um comercial bem feito. As "arestas" foram aparadas, as sangrias contidas, as cicatrizes maquiadas, os defeitos escondidos, as vozes dissonantes, silenciadas; os corpos impertinentes, contidos ou exterminados. A partir de três cenas - os jovens no ônibus, o homem na velha cadeira de rodas na Praça XV e os usuários de crack no canteiro da Avenida Brasil- trazemos a narrativa de alguns anônimos que habitam as ruas cariocas e produzem, com o seu ir e vir, com suas súplicas ou o seu sorriso, tensionamentos na ordem. Suas vidas colidem com as relações de poder que no cotidiano os submetem e os descartam. Ao mesmo tempo, suas existências infames nos interrogam e interpelam: o que estamos fazendo com nossas vidas? A crítica do "sistema" é mera análise triste do "inferno dos vivos" Calvino (2001) ou abertura de espaço?

Palavras-chaves: cidade; Rio de Janeiro; megaeventos esportivos; pretos.

ABSTRACT

Rio de Janeiro's "mega-sport events" was a well-made commercial. The "edges" were trimmed, the sangrias contained, the scars made up, the defects hidden, the voices dissonant, silenced; the impertinent bodies, contained or exterminated. From three scenes - the young people on the bus, the man in the old wheelchair in Praça XV and the users of crack in the bed of Avenida Brasil - we bring the narrative of some anonymous people who inhabit the streets of Rio and produce, with their go and come, with their supplications or their smile, tension in order. Their lives collide with the relations of power that in everyday life submit them and discard them. At the same time, their infamous lives interrogate and challenge us: what are we doing with our lives? The critique of the "system" is merely an analysis of the "hell of the living" Calvino (2001) - or the opening of space?

Keywords: Rio de Janeiro; sportsmegaevents; black

1. Cena I.

Eles eram caravana. Eu os vi multidão. Trem sem freio, coração cheio, camisa da escola, desejos a flor da pele, sonhos a desenhar diferentes horizontes. Riso leve, gritos na janela, pequenos saltos de um lado para o outro. Smartphones na mão. Nike nos pés. Whatzapp, Instagram, Snapchat. Sonhos com Iphones e Ipads. Contradições mil. A polícia entrou na condução. O ônibus parou porque o motorista

acenou. Chamou a PM que passava no local. Apontou para os secundaristas que nem faziam muito tempo haviam entrado com destino ao Complexo do Alemão (zona norte, Rio de Janeiro). São eles os arruaceiros, “suburbanos tipo mulçumanos¹” que adentram ônibus, praia, shopping e com seus corpos pretos, seus despojados “roleinhos”, suas vozes agudas, suas brincadeiras únicas, seus desejos juvenis, ameaçam a ordem? Tão jovens quanto os jovens brancos da zona sul. São eles os tipos que justificam novos controles, velhas ditaduras; são eles os filhos dos filhos órfãos dos miseráveis que valem bem menos que a bala que historicamente os mata, geração após geração. Eles são muitos.

A ordem foi uma só, certa, autoritária, injusta. Mas quem disse que este mundo é justo? Quem disse que preto, pobre e favelado tem direito a justiça? O ônibus passava pela estrada do Itararé, na altura da Clínica da Família Zilda Arns, quando os policiais entraram. Um mar de gente lotava as ruas. E o prefácio de uma tsunami se anunciava. Os PMs armados, pistolas e fuzis nas mãos, de um lado. Do outro, jovens com smartphones. Estávamos – eu, os demais passageiros e os secundaristas no front. Mas os jovens com a camisa da Secretaria Municipal de Educação não estavam no front, eles vivem no front. Vivem entre o som do tiro de fuzil ou a batida do funk; entre a escola - sem gosto e sem sentido - a disciplinar e a PM - racista e violenta - a reprimir. E o que nestes jovens enseja perigo? O que faz deles “mulçumanos”? Por que seus corpos ameaçam? Por que suas vidas são descartadas?

Não houve resistência ou sequer insinuação de possível diálogo. Eles apenas se olharam e desceram. Antes, se reprovaram uns aos outros por estarem “zoando” no ônibus. Seria um teatro? Os olhares, as caras de suposto espanto, os movimentos de corpos que pareciam vencidos. Admitiam a culpa, o pesar e as dores. Desceram quietos, mas não silenciados. Continuaram o percurso a pé. Engana-se se pensa que ficaram tristes. Talvez, tenham entrado em outra condução. Acredito que tenham sido malandramente estratégicos. Quem vai discutir com os PMs? Quem vai opor resistência com dois policiais armados doidos a lhe colocarem na viatura? Não vai ter direitos humanos, não vai ter Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nem qualquer regra do Estado Democrático de Direito para lhe salvar. Você que é carne

¹ Trecho da canção “caravana”, de autoria de Chico Buarque.

mais barata do mercado, que tem o perfil do tipo que eles são treinados para caçar e exterminar? Você que sabe que se lhe algemarem terá sorte se não for vinculado ao tráfico e enviado para internação; sorte senão aparecer com o rosto “não identificado” por uma pequena tarja preto nos olhos em algum programa sensacionalista lhe vendendo como a reencarnação do mal. Terá sorte senão entrevistarem alguém que supostamente foi assaltado por você. E de repente você que apenas zoava num ônibus, virou “mulçumano” e nem sabe ao certo para onde ser enviado.

Pois para você, jovem-preto-pobre-favelado, a ditadura não acabou em 1985. Ela começou quando você nasceu na década de 1990. Ela nasceu, robusta e forte, com você e junto com todos os seu amigos pretos e pobres. E ela, essa insana inimiga, essa que na visão de muitos que não sofrem sob as suas garras, é coisa do passado, está tão presente que assusta olhar em seus olhos e neles ver o reflexo de um ontem que nunca deixou de ser agora; de práticas de tortura que nunca foram abolidas, mas sofisticadas; de palavras de ordem que escondem o caos que é produzido em sua vida todos os dias. E você desceu do ônibus, respirou, enganou o medo, deixou a tensão para trás e seguiu. Porque é preciso seguir. Persistir é a sua arte. É mestre nisso. “Se descer sem sambar, eles tremerão...”

Os demais passageiros seguiram viagem conversando em voz alta uns com os outros e com o motorista. Sim, este foi sagaz. Diziam. Tomou a atitude certa. Onde já se viu, ficarem de algazarra no ônibus? Todos ali estavam certos que, chamando a polícia, fizeram a coisa certa. Que os jovens de hoje não tem limites; que as famílias não educam; que os pais são ausentes; que a rua acaba servindo de péssima escola; que não há respeito e nem compromisso com o Brasil; que em breve serão aliciados pelo tráfico, se já não tiverem se inserido. Eram tantas verdades prontas, tantos diagnósticos e análises precisas; tantas sentenças irrefutáveis, tanto moralismo e flagrante obediência. Estavam ali, pobres, pretos, moradores de favelas do Complexo do Alemão apontando o dedo, julgando, condenando e já prescrevendo a sentença dos jovens que eram tão pretos, tão pobres e tão favelados quanto eles. Se tais passageiros se mostravam do lado da PM, da ordem, da norma, desconfio que era por medo. Medo deste trem sem freio desembocar em jovens perdendo a vida ou sendo precocemente presos; medo da desobediência a gerar tensão; medo das armas apontadas e dos gritos ensurdecadores após as rajadas de

tiro; medo de mais corpos estendidos no chão, das marcas de sangue e da dor das famílias. O medo paralisa e faz morada. E quando quem impera é o medo, cabeças abaixam, vozes se calam e o que era inaceitável torna-se natural e inquestionável. Pois o que assusta em jovens que brincam em ônibus, que zoam nas praias da zona sul, senão o medo da desobediência, mas, sobretudo, o medo da reação a estas desobediências?

O Bagulho é doido. O Alemão é multidão. Um mosaico de casas com tijolos avermelhados colorindo os morros. Escadarias enormes, milhares de fios cruzando sobre as casas e milhares de estórias cruzando a vida. No alto de alguns morros, os teleféricos – projeto importado da Colômbia - nos lembram o quanto as cidades do Rio e Medellín estão próximas: com seus cartéis do varejo de drogas, suas polícias especializadas em matar, suas políticas falidas, mas lucrativas, de enfrentamento bélico das drogas, seus bandidos descartáveis, seus moradores entre as rajadas de metralhadoras e os tiros da miséria. Os meninos, sobreviventes de um mundo que os condena por sua geografia, sua cor, seu brilho nos olhos, seus bolsos vazios, seus corações cheios, crescem “correndo nos becos que nem ratazana²”. Este “mundo de pernas para o ar” (GALEANO, 1999), condena sorratamente a todos. Extermina uns com bala de fuzil, com tiro pelas costas, outros faz morrer aos poucos cerceados em prisões infames ou deixados a morte...

2. Cena II.

E não muito longe dali, na Avenida Brasil, em frente à entrada da Favela Parque União, uma pequena multidão parece ter sido deixada à sinistra espera da morte. Corpos magros, pretos, olhos vidrados, poucos dentes na boca, tentando correr de um lado para o outro entre os carros que passam velozes. Ou, simplesmente, abaixados, de cócoras, rente ao muro usando a pedra. São homens e mulheres amontoados, como se fossem um monte de sacolas de lixo esquecidas pelo tempo; jogadas fora pelo mundo. Ninguém parece se importar com aquelas vidas ao léu. Usuários de crack que fazem uso da pedra enquanto os carros ficam retidos num engarrafamento produzido pela obra de construção da “TransBrasil³”, vivem ali no

² Trecho da canção “tiro de misericórdia”, de autoria de João Bosco e Aldir Blanc.

³ As obras da mesma deveriam, tal como era o projeto inicial, terem sido finalizados antes das Olimpíadas.

canteiro central de obras. Parecem personagens de um série de “zumbis”, espécie “thewalkingdead⁴” tupiniquim a ensejar temores em que passa no local? Os zumbis habitam entre a vida e a morte. Estão meio vivos e meio mortos, tensionado a fronteira quando atravessam do canteiro para o outro lado. Estão ali e não estão. A “máquina de triturar gente” (RIBEIRO, 2006), diariamente os tritura e os cospe.

A chapa tá quente. O problema, sempre dizem os motoristas do aplicativo de viagens, é quando atropelam um desses. Estraga carro, perde tempo, tem a burocracia com a polícia. Tais vidas infames parecem só trazer preocupação ou despertar interesse quando elas, por um descuido do destino, por algum erro inusitado do seu balé da morte, ameaçam amassar carros com seus corpos decrépitos. A vida que se foi, não importa. É apenas um detalhe, de todos, o mais irrelevante. E tem todo um processo que é aberto e, mesmo sem culpa, você responde por ele. Tentou me explicar um motorista, mas eu já estava longe, com os olhos focados naquelas pessoas, e me veio à cabeça Primo Levi e suas descrições dos campos de concentração nazista. Até onde a população das favelas e demais periferias não vivem, também, em espécies de campos de concentração à céu aberto (AUGUSTO, 2010)? E os corpos que neles vivem são como os “mulçumanos” de Levi (2013, p.25), sufocando dia a dia e esperando matar a sede diante de uma torneira sem água potável?⁵ Gota a gota a vida se esvai.

O corpo magro, os olhos vidrados, a boca aberta. Poucas roupas, os pés descalços em asfalto quente, a incerteza nos movimentos. Ela perambulava pelo canteiro central, entre máquinas e equipamentos das obras. Este é o seu caminho. Perto dela, um barraco improvisado com pedaços de pau, plástico e papelão. De longe, como se fosse uma barraca de camping, o rascunho de uma frágil moradia. Ao lado, um cão. Entre os usuários, homens oferecem celulares, relógios dourados e joias aos carros com os vidros fechados. Fruto de roubos? Possivelmente. Como diz Wacquant (2003), efeito deste “capitalismo de pilhagem”.

⁴Famosa série de TV estadunidense cujo enredo versa sobre um “apocalipse de zumbis” e um grupo de “sobreviventes” que tenta fugir dos “mortos-vivos”.

⁵Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa, gota a gota” Levi (2013, p.25).

Em outubro de 2017, o atual prefeito carioca, Marcelo Crivella, visitou a “cracolândia” do Parque União, em frente a Avenida Brasil e lá deu posse ao secretário de assistência social e direitos humanos, Pedro Fernandes. Com a inusitada presença dos políticos e de sua numerosa equipe de segurança, não foram poucos os usuários que saíram correndo carregando um de seus bens mais preciosos, o colchão. O prefeito/bispo declarou que “agora cabe a nós encontrar os caminhos para eles saberem como sair dali” (GOULART, 2017).

“Cabe a nós encontrar os caminhos...” Cabe a Prefeitura, em nome da suposta saúde daquela população, da suposta segurança da região, governar aquelas vidas; predizer-lhes um destino, escolher um direcionamento. Em nome do cuidado, criam-se mecanismos de controle; em nome da “ajuda”, dispositivos de tutela daqueles corpos que insistem em habitar o canteiro central e atravessar a Avenida Brasil. Daquela população que, se incomoda a ponto do prefeito ir até eles, fazendo marketing, colorindo sua imagem com ar de salvador dos necessitados, atuando neste “pocket show” dos desvalidos, é porque, também, eles estão no meio do caminho entre o Aeroporto do Galeão e o centro da cidade. Eles não estão, como em outras “cracolândias”, enterrados em torno de si mesmos e da miséria alheia. Eles estão no centro da visibilidade; onde milhares de ônibus com turistas passam todos os dias. Não nos esqueçamos da “barreira acústica” construída por César Maia, na década de 1990, e sua saga para esconder a favela da Maré, na Linha Amarela.

3. Cena III.

As mãos esticadas, o corpo preto, a imagem fragilizada pela miséria, os olhos diminuídos em cima da velha cadeira de rodas; o homem se move pelo centro da cidade. Estaciona na “nova” Praça XV, estica as mãos, pede 10 centavos, pelo amor de Deus, meu senhor, minha senhora. Uma multidão corre uma pressa desenfreada e ele ali, em outro ritmo, em uma cidade diferente daquela anunciada como “legado social” nos inúmeros discursos em nome da Copa do Mundo de Futebol (2014) e as Olimpíadas (2016).

O homem sobre a velha cadeira de rodas fala o tempo todo de como as relações de poder atravessam nossa organização social, produzindo a sua vida enquanto descartável. Ele é apenas um ninguém numa das maiores cidades turísticas do mundo. Seu vai e vem de “consumidor falho” (BAUMAN, 1998), suas súplicas

insistentes, seu corpo impertinente incomoda quando sua presença “suja” a frágil estética da cidade que se quer enquanto politicamente higienizada. Frágil posto que basta um menino preto pedindo esmolas no sinal, uma mãe sentada no chão com seu bebê vendendo panos de pratos coloridos, um idoso contando suas desgraças pedindo ajuda, para a imagem de limpeza e ordem social se evaporar. E evapora porque nesta concepção de cidade higienizada não cabem pretos, pobres, pedintes, favelados. Não cabe. Não foi feito para eles. Evapora porque esta concepção de higiene é apenas um comercial bem feito. Que pode até concretizar-se em condomínios de luxo onde seus moradores se deleitam vivendo uma vida atrás de grades e se sentindo supostamente seguros e protegidos dos pedintes sujos, descartáveis e falhos. Mas as ruas de uma cidade são o caos, em potência disruptiva. É o acaso dos encontros, a incerteza dos trajetos, a falta de controle do que poderá acontecer, com quem ou com o que você irá esbarrar ou que experiências poderá viver.

O homem em cima da velha cadeira de rodas atrapalha a “selfie”. Raivosos e intolerantes, em nome de uma suposta ordem social violada, e de seus próprios desejos de pureza e redenção pela violência, criam verdadeiras cruzadas saneadoras pela cidade⁶. Herdeiros dos primeiros higienistas a tentar sanar o Rio de Janeiro dos pretos que habitavam o centro; de seus cortiços, considerados redutos da criminalidade e da sujeira; de sua fé e sua cultura, julgada maléfica e inferior. Em nome da segurança (combater a criminalidade) e da saúde pública (acabar com um ambiente iatrogênico) os cortiços foram removidos. Seus habitantes, criando novas estratégias de resistência, ocuparam outros territórios. A vida se faz por coragem.

Os raivosos e intolerantes anunciam-se em redes sociais como os arautos da moralidade, cidadãos de bem e cristãos que desejam o extermínio violento do outro, considerado uma ameaça para a ordem que se deseja manter. Tal como os nazistas a exterminar judeus, ciganos, etc. Saudosistas dos tempos da ditadura civil militar, apoiam políticos que defendem privatização das prisões, penas mais duras, pena de morte, castração química e o armamento da população como estratégia de defesa

⁶ Em fevereiro de 2014, um jovem preto teve sua roupa retirada e foi preso, com uma trava de bicicleta a um poste no Aterro do Flamengo (zona sul). Muitos foram os que, nas redes sociais, classificaram a ação como a de “justiceiros” que promoviam um ato benéfico. Alguns de tais “justiceiros”, de classe média, entretanto, foram presos, em outubro do mesmo ano, por tráfico de drogas.

contra a criminalidade. Tais políticos são aqueles que recebem “lobbies” da milionária indústria armamentista. Os raivosos e intolerantes estão defendendo, na verdade, uma expansão de mercado. Eles são os filhos e filhas de certo modelo de pureza social. Modelo este onde não cabe o homem em sua velha cadeira de rodas pedindo dez centavos, ou os jovens favelados indo para as praias da zona sul, entre tantos outros que são “pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento” (DELEUZE, 1992, P. 225).

O homem na velha cadeira de rodas sobra. Suas pernas imóveis, sua voz rouca, seus olhos procurando os olhos daqueles que passam velozes com roupas de marcas, celulares de marca, com seu precioso tempo que não pode ser desperdiçado, com seu dinheiro precioso que precisa ser bem investido. Eles vão, o homem na velha cadeira de rodas fica. Ele é apenas mais um preto, pobre, cadeirante, numa cidade que não o acolhe, num sistema que o descarta, numa sociedade que o ignora ou o aprisiona, diante de pessoas que passam, mas fingem que não o veem. A noite tentamos dormir. Ele roda a cidade.

4. Por fim.

Não nos esqueçamos que fazem pouco mais de trinta anos do fim da ditadura civil-militar no Brasil. Estas três décadas marcam, também, a emergência de novas formas de ditaduras, de sofisticados dispositivos de controle, de sutis processos de subjetivação atravessados pelo medo, pela insegurança e, sobretudo, pelo ódio. Como diz Arantes (2007, p. 240), “ao que parece, só o ódio mobiliza hoje”. O ódio como política. O ódio como governo dos corpos na cidade.

Na última década, o Rio de Janeiro foi palco de uma dezena de megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016. A “década dos megaeventos”, de faraônicos projetos, de suntuosas cifras, de promessas arrebatadoras de melhoria da cidade e transformação social, foi, também, um comercial bem feito. Destes que fazem com que o público compre, muitas vezes sem hesitar, o produto anunciado. O melhor comercial é aquele que produz em você o desejo de demandar por aquilo que antes simplesmente não existia para você ou era irrelevante. Os comerciais foram muitos, com atores e atrizes famosos, com palavras de efeito, com lindas imagens e projetos irretocáveis, que muitos foram aqueles que consumiram o produto olimpíadas - devidamente idealizado e sem

imperfeições. Assim como, consomem tantos outros “produtos” na “linha criminalidade”, por exemplo: “soluções” para a segurança do condomínio (câmeras, treinamento para os porteiros, cercas elétricas), dos automóveis (blindagem, alarmes), das crianças (transporte para ir e voltar da escola), etc. Uma das últimas modas da “linha criminalidade”, é o “botão de pânico” para o seu lar. Acionado ele entra em contato automaticamente com a polícia.

Neste Rio de Janeiro dos megaeventos, palco de empreiteiras sedentas de obras, de políticos ávidos por esquemas, de empresários ansiosos por majorar as margens de lucros, as “arestas” foram aparadas, as sangrias contidas, as cicatrizes maquiadas, os defeitos escondidos, as vozes dissonantes, silenciadas, os corpos impertinentes, contidos ou exterminados. Tudo muito bem orquestrado tal como um filme hollywoodiano de ação, tal como uma “novela das sete” onde o final é um misto de redenção e êxtase. Redenção e êxtase para quem?

Os jovens desceram do ônibus e seguiram o seu caminho. Assim como eles, vi tantos outros jovens, pretos, favelados, passando pela roleta com sua camisa da Secretaria Municipal de Educação e indo “zoar” atrás do ônibus. Outros jovens, menos alegres e festivos, com ar lúgubre, sem roupa de escola, forçando a porta detrás e entrando “na marra”. Com ar de poucos amigos e os olhos perdidos em algum horizonte pouco visível, sentando nos últimos bancos e, de repente, saltando em algum ponto. Sumindo tão rápido como apareceram.

O homem na velha cadeira de rodas segue o seu caminho, insistindo em transitar pelo novo “bulevar olímpico”, com suas mudas de plantas e repleto de guardas e turistas. Assim como ele, outros “ninguéns” habitam a cidade e, através de inúmeras estratégias, criam modos de resistir e sobreviver. Tal como os usuários de crack, eles não são apenas derrotados “corpos da vida nua”, são potências e devires. Alguns com um brilho tão intenso que em seu contato chegamos a quase cegar; outros parecem ter apagado, faz tempo. Estão todos ardendo como chamas na cidade. Ao mesmo tempo, fazem as ruas arder. Muitos feito vaga-lumes (DIDER-HUBERMAN, 2011) com seu sutil e singelo brilho nos lembrando que há tantas coisas escapando, inventando linhas de fuga e “zonas autônomas temporárias” (BEY, 2011), enquanto muitos de nós tateiam o chão feitos cegos de Saramago (1995), imersos em leituras de mundo que mais deprimem do que potencializam mudanças; que mais paralisam e alimentam ressentimentos, do que ensejam brechas.

Dos encontros com os jovens nos ônibus, com os anônimos habitando as ruas, com os tiros atravessando os dias e as noites no subúrbio, interrogações e incômodos me atravessam. Tais vidas – narradas tão rapidamente neste texto – são centelhas a saltar diante de nós todos os dias, questionando nossas implicações com esta realidade. A academia, enquanto instituição, produz uma centena de especialistas em analisar, medir, mensurar, rotular, classificar, dissertar, etc., o “inferno dos vivos”⁷ de nosso dia a dia. Produções que questionam ou reafirmam tal inferno. Mas até onde toda esta crítica ao “sistema” é apenas análise triste que não produz interferências em nossos modos de existência? Até onde nossas pesquisas produzem desvios no destino daqueles fabricados enquanto descartáveis? Até onde estamos dispostos a abrir mão de nossos estilos de vida, de nossos confortáveis territórios, e, de fato, abriremos espaços para a criação de outros modos de existir?

Os jovens expulsos do ônibus cantam. O homem na velha cadeira de rodas, assobia. A usuária de crack cuida de um cão, que cuida dela. Se tal como dizem Dardot e Laval (2017, p.11), “o futuro parece bloqueado. Vivemos esse estranho momento, desesperador e preocupante, em que nada parece possível” que sejamos capazes de inventar outros “possíveis”. Mas “possíveis” onde caibam muitos; onde possamos transbordar e nos inventar enquanto outros; menos tristes e endurecidos, menos obedientes e ressentidos com esta vida morna que é nos oferecida todos os dias. Que sejamos capazes, como diz o poeta (BARROS, 2013), de “renovar o homem usando borboletas”; de tal como Drummond (2003), aprendermos com a desobediência das flores que rompem o asfalto; ou, como Calvino (2001), abriremos espaço para o que no meio do inferno não é inferno. As brechas, as fugas, os escapes, os desvios, não existem. Eles precisam ser inventados. Pois, desconfiemos que “essa vida morna e tola que nos é oferecida e alardeada como a única possível, desejável e saudável esconde outras tantas. Cujas beleza e tentação cabe reinventar” (PELBART,1993, p. 8). Reinventemos, então.

⁷ Escreve Calvino (2001, p. 71), “o inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.”

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A flor e a náusea*. In: A rosa do povo (pp.13-14). Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ARANTES, Paulo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AUGUSTO, Acácio. *Para além da prisão-prédio: as periferias como campos de concentração a céu aberto*. Cad. Metrop., São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 263-276, jan/jun 2010.
- BARROS, Manoel. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Leya, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEY, Hakim. *Zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad, 2011.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o novo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *Comum*. Ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações* (pp. 219-226). Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DIDIER-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Minas Gerais: UFMG, 2011.
- GALEANO, Eduardo. *De pernas para o ar: a escola do mundo ao avesso*. Rio Grande do Sul: LP&M, 1999.
- GOULART, Gustavo. Crivella vai a cracolândia na Avenida Brasil e provoca correria de usuários. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/crivella-vai-cracolandia-na-avenida-brasil-provoca-correria-de-usuarios-21917047>> Acesso em 2017.
- KUCINSKI, Bernardo.K. *Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco, 2013.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: 1995.
- WACQUANT, Loic. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

José Rodrigues de Alvarenga Filho: Doutor em Psicologia (UFF). Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Minas Gerais.

Como citar esta entrevista (*Howto cite this interview*):

ALVARENGA FILHO. José Rodrigues de. Impertinentes corpos pretos na “Cidade Olímpica”. In REVISTA TRANSVERSOS. *“Dossiê: Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas - 10 anos da Lei 11.645/08”*. Rio de Janeiro, nº. 13, MAI-AGO, 2018, pp. 189-200. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2018.36029

